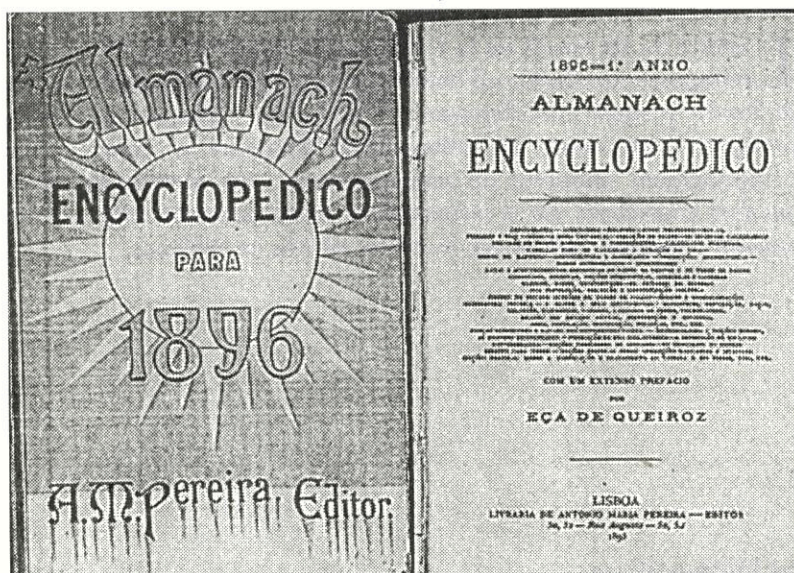


EÇA DE QUEIRÓS E OS ALMANAQUES DO SEU TEMPO

Vera Lúcia Casa Nova*

RESUMO

Este artigo mostra um aspecto diferente da obra de Eça de Queiroz. Trata-se da leitura dos almanaques realizada por ele e descrita no prefácio do *Almanach Encyclopédico*, datada de 1896. Uma leitura agradável, rica de idéias e cheia de ideais democráticos de cultura.



O texto “Almanaques” faz parte dos escritos dispersos de Eça de Queiroz, e está editado pela Editora Aguilar, sob o título de *Notas Contemporâneas*, em suas obras completas. Incluem-se aí textos datados do fim do século, entre 1880 e 1896, publicados em jornais como *Diário de Notícias*, *Renascença*, *Gazeta de Notícias*, *Revista Moderna* e, especificamente, endereçado, como introdução, ao 1º volume do *Almanaque Enciclopédico* do ano de 1896, este que ora apresento a vocês.

* Universidade Federal de Minas Gerais.

Com um discurso de ensaio introdutório, Eça nos apresenta uma breve história dos almanaques com curiosidades históricas variadas, numa escritura que une saber e sabor distribuídos ao longo do texto em gotas de humor e lirismo num só momento.

Indo à Mesopotâmia, aos filhos sábios de Seth, Eça inicia uma profunda reflexão sobre a importância do saber, do conhecimento, inserindo aí uso dos almanaques existentes desde os primórdios da história do conhecimento humano.

Interessante observar que é um Eça bem diferente dos romances. Enquanto nestes encontramos narradores, urdidos ficcionalmente, aqui trata-se do intelectual Eça, sua criatura pitoresca e bem humorada, que nos conduz a pensar a História, a Ciência e o almanaque indissociavelmente. Este texto ilustra a valorização do saber do fim do século XVIII, que, entrando pelo século XIX, vai registrando o tempo passado, a memória, as lembranças, peças de extrema importância para o conhecimento humano. Notemos, também, a importância que Eça dá à memória. Anne Martin-Fugier em *Os ritos da vida privada burguesa* (Aries, p. 195) declara que:

(...) a invenção da fotografia em 1836 e seu desenvolvimento após 1850 vão permitir o surgimento de nossos álbuns (...)

(...) as fotos preservam instantes. De um lado, são relíquias propícias à rememoração. Do outro lado, sucedem-se no álbum em séries que permitem perceber o discurso do tempo, a evolução da criança que cresce, a família que se perpetua por meio de casamentos, nascimentos. Os diários íntimos também são escritos como repositório de lembranças ...

Por outro lado, o uso de guias e manuais de conduta também caracterizam o século. Por exemplo, um dos mais conhecidos foi o **Nouveau manuel complet de la maîtresse de maison** (1913). Os manuais de conduta são herdeiros da “economia doméstica”. Segundo esse autor, esses livros são sintomas da preocupação em inventar um novo modo de vida e um novo tipo de felicidade – um modo de vida exclusivamente privado, no qual a família é o ideal de felicidade, e o meio para conquistar essa felicidade é a boa administração do tempo e do dinheiro.

O ano é marcado pelas festas cívicas e festas de igreja. As pessoas dependem do calendário cristão. O ano se desenrola segundo as festas litúrgicas.

Vai-se assim caminhando com Eça, intelectual, escritor, consciente de sua responsabilidade social, e observando como ele é marcado pelas cenas políticas de seu tempo. Entre o privado e o público, a preocupação do escritor parece ser um desejo de que a humanidade se instrua, conheça as “verdades” ditadas pela ciência e pela História.

Vejamos como ele se refere ao primeiro e a outros posteriores almanaques, ou melhor, como ele os imaginava – “ensinava sem dúvida”; “certamente revelava”; “incontestavelmente instruía”; “talvez arquivasse”, – ou ainda sobre a finalidade do almanaque em “rememorar”, “perpetuar”, “as verdades iniciais para a humanidade”.

Segundo Eça, o almanaque teria mesmo antecedido a cartilha e a história,

com seus rudimentos, do tipo regra para colheitas, data das feiras, eclipses, etc.

Sua importância é sempre marcada pelo signo da *disciplina*, como no exemplo: “O almanaque, com efeito, é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro dos quais circula, com precisão, toda a nossa vida social”.

Ou ainda:

O tempo, essa impressão misteriosa a que chamamos tempo, é para o homem como uma planície, sem forma, sem caminho, sem fim, sem luz, onde ele transita guiado pelo almanaque, que segura pela mão, o vai puxando e a cada passo murmurando: aqui, estás em setembro!... além finda a semana!... Sumida a noção do ano, do mês, do dia, ele não poderia mais cumprir com ordem proveitosa os atos da sua vida urbana, rural, religiosa, política, social – e logo se arriscaria àqueles dois erros... a semear o seu trigo em Julho e a celebrar a sua Páscoa em Novembro.

Só com o almanaque, sempre presente e sempre vigilante, pode existir regularidade na vida individual ou coletiva e sem ela... o que era seriedade seria apenas uma horda e o que era um cidadão seria apenas um trombolho.

Sempre faz referência à importância civil e religiosa, tendo como exemplo a história de Roma e de César com a famosa reforma do calendário, para a organização da sociedade.

Eça vê a notoriedade do almanaque no limite do individual e do social. O almanaque é sobretudo uma pequena enciclopédia doméstica, com caráter essencialmente de difusão popular. A melhor conduta implícita na leitura do almanaque está também no limite do particular e do grupo. Em casa, sobretudo, ou nos serões camponeses. Numa ou noutra oficina, o almanaque é lido como livro de saber científico e cultural em todas as épocas, e com elas se transforma.

A humanidade saindo do fundo da Meia-Idade e passeando ao sol da Renascença descobria uma inesperada maravilha, a Natureza, andava toda no deslumbramento e na paixão da Natureza; – e o almanaque, que depende da humanidade, imediatamente se faz naturalista. Vivera até aí nas Igrejas com os padres – agora não sai dos laboratórios, de entre os sábios.

Entre a científicidade e a “publicização” de médicos e de astrólogos que sempre estiveram presentes em suas páginas, o almanaque com “atrasos” ou com “progressos” sempre foi leitura das massas (depois de seu advento). – “Só dois livros se vendem, penetram nas massas humanas – a Bíblia e o almanaque”.

Lembra Eça, ainda, que almanaques como o de Benjamin Franklin, no séc. XVIII, tinham tanta força como se fossem um catecismo popular, rivalizando somente com a **Enciclopédia** que era livro de cabeceira.

Cançonetas, quadrinhos, éclogas, epigramas, fábulas sátiras, epístolas, madrigais, faziam o delírio das famílias aristocráticas e burguesas no séc. XVIII ao lerem o *almanaque das Musas*. O popular era o do *Pere Girard*, que visitava as aldeias da Fran-

ça e ensinava aos aldeões os princípios de cidadania e de política de classe.

E esta tradição de utilizar os almanaques como agentes formigueiros da revolução persiste em França, onde, de 1830 a 1850, apareceram sucessivamente mais radicais, mostrando como a Revolução se alastra das estreitas fórmulas políticas para as vastas transformações sociais – O almanaque dos Amigos do Povo, o almanaque do Verdadeiro Republicano, o almanaque do Trabalhador Emancipado.

Entre a liberdade e a repressão (Napoleão III), em todos os tempos, o almanaque viu-se proibido de pensar, mas não de rir.

– “Então o almanaque, astuto, desata a rir” –

Almanaque para rir, cômico, satírico, das cem pilhérias, das gargalhadas. E os franceses riam de tudo. Mas logo volta a ser científico, em sua ciência positiva e experimental: Almanaque do Químico, do Construtor, etc.

E assim Eça vai nos contando gostosamente a história do Almanaque, sempre bem aceito pelos povos latinos por sua tendência à generalização bem concentrada e seu tom universal.

O texto assim se estrutura discursivamente, para, então, Eça fazer a apresentação do **Almanaque Enciclopédico**: “E aqui está este almanaque, por cujas primeiras páginas vamos andando e conversando, que é simplesmente enciclopédico”.

Mostrando as origens, discutindo as histórias, Eça coloca o almanaque como enciclopédia de caráter popular e o considera como veículo importante na divulgação da cultura e da ciência em todos os tempos e nações (genericamente).

Acha, porém, que as Enciclopédias, do modo como são feitas, desde a primeira de Diderot e d’Alembert, são “aterroradoras”, por serem pesadas e “compridas como a curiosidade humana”, e que a melhor fórmula para a divulgação do conhecimento fácil, sobretudo científico (ciência fácil) era mesmo o almanaque – o *almanaque enciclopédico*, que iniciava seu percurso em 1896.

O ditoso leitor do Almanaque Enciclopédico é assim, cada ano, nas férias, procurado pela ciência, uma ciência moça, de roupagens ligeiras, ágil e familiar, que o toma pela mão, o conduz alegremente, sem estalagens, a um dos seus maravilhosos domínios... Ah! Almanaque, almanaque! Nunca treparíamos a esta remota Antigüidade, se não fora a tua sedução, companheiro de palestra douda e fácil! E agora, que de tão longe viemos, sendo divertido, percorrer este vale do Nilo de há quatro mil anos...!

Explicitamente, Eça de Queiroz tal qual Michelet, louva o Almanaque como veículo de divulgação do conhecimento – filho do Esclarecimento, do Iluminismo, ou precursor (“avant la lettre”) de idéias sobre a ilustração.

Só que Eça nos mostra uma outra forma: o livro amigo, sociável e fácil, indicando, assim, uma preocupação com a leitura em sua época, além de pensar no bem-estar social da Nação.

E não só nos habilita a que vivamos bem, na larga vida social e espiritual, mas a que vivamos bem, com doces facilidades, na vida pequenina e caseira. Vede simplesmente a abundância, a diversidade, a magnífica utilidade das receitas que ele nos ensina, em cada página generosa. É redobrado enternecimento...

Por acreditar no almanaque mais genérico, Eça resolve prefaciá-lo o **Almanaque Enciclopédico**, guia de ciência, calendário, indicação de tempo e temperatura, informações úteis ou como ele mesmo nos diz apaixonadamente:

A boa ciência de almanaque, essa, rompe pela minha casa, arregança as mangas, e imediatamente, cantarolando, esfrega os tachos, limpa os candeeiros, reaviva as pinturas antigas, reverdece as flores murchas, emudece as portas que rangem, recolhe o verniz que lascou... Se eu, vermelho, ofegante, curvado sobre um velho pergaminho, me esforço por limpar a nódoa de gordura que o maculou e o avilta, bem pode fazer ao lado, sobre a mesa, um poderoso volume de química, da melhor ciência de Tindall ou Berthelot, que se não moverá, para me aconselhar... mas a amável ciência de almanaque correrá logo, com as saias a bater alegremente as portas, gritando: "mistura pedra-ume queimada e flor de enxofre em pó! Molha o seu pergaminho! Esfrega com o dedo, de leve!" Oh a boa dona, resplandecente de sapiência e bondade! E todavia esta ciência de almanaque, tão dada e fraternal, de grossos braços úteis, que me lustra os tachos e me cola os vernizes, é duma nobreza bem mais alta, oh! – que a empertigada ciência das escolas. Porque essa é a vaga filha bastarda duns alquimistas e astrólogos, que se entregaram a práticas tenebrosas... e a outra, a franca, a sadia, caseira e natural ciência do almanaque, descende, numa linha muito pura, daquele muito grão-senhor que se chamava Aristóteles.

Coloca-se Eça numa posição progressista diante da ciência positiva, tal qual se apresentava no fim do séc. XIX. Sua proposta nesse prefácio é a da popularização da ciência enquanto o conhecimento trazido por ela, mas que seja de interesse de todos e não apenas de uma classe privilegiada. Esse texto nos fornece, além das inúmeras curiosidades, a imagem que Eça de Queiroz tem do mundo e, ainda, a proposta de democratização do conhecimento, e da universalização do saber. Ainda como grande lição desse autor, podemos compreender que conhecimento, ciência e verdade, fazendo parte da História e da Cultura dos povos, dimensionam o desejo de poder do ser humano.

RÉSUMÉ

Cet article montre un aspect différent de l'œuvre de Eça de Queiroz. Il s'agit de la lecture des almanachs, qu'il nous décrit dans la préface de l'**Almanach Encyclopédico**, daté de 1896. Une lecture agréable, riche d'idées et pleine des idéaux démocratiques.

Referências bibliográficas

01. ARIES, P., DUBY, G. **História da vida privada**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.